

EXOTOPIA E AUTOINFORME-CONFISSÃO, NA TEORIA DE BAKHTIN

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.643132408119>

Data de aceite: 19/11/2024

Anna Carolina Galhart

Professora dos cursos de Pedagogia e Psicologia da Faculdade UNISE

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo, compartilhar com o meio acadêmico da Faculdade UNISE, situada em Campo Largo, estado do Paraná, uma discussão acerca da categoria Autoinforme-confissão, uma das dez ramificações do conceito-chave Exotopia, da teoria do pensador russo Mikhail Bakhtin, perpassando por uma breve biografia do teórico, que viveu de 1895 a 1975, a fim de contextualizar a época de sua produção. O estudo do conceito se deu a partir da obra *Estética da criação verbal*, cujo texto foi traduzido do russo por Paulo Bezerra. Bakhtin tem sido surpreendente: a própria vida, a diversificação temática dos textos, a questão da autoria, a edição póstuma de grande parte de sua obra. Para alcançar a proposta da pesquisa, optou-se por uma revisão bibliográfica a partir da leitura mediada dos autores: AMORIM, 2012 e TEZZA, 2005 e 2011. O pensamento bakhtiniano resistiu ao opressor regime russo e deixou um vasto legado de contribuições para a ciência, ao

ser invocado pelas teorias da linguagem, da linguística, da literatura, da estética e das demais áreas que permitirem o diálogo. Espera-se que por intermédio deste estudo, os conceitos-chave da teoria do pensador russo Mikhail Bakhtin façam-se presentes nos estudos vindouros dos acadêmicos da UNISE.

Palavras-chave: Autoinforme-confissão; Bakhtin; Exotopia.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo, compartilhar com o meio acadêmico da Faculdade UNISE, situada em Campo Largo, estado do Paraná, uma discussão acerca da categoria Autoinforme-confissão, uma das dez ramificações do conceito-chave Exotopia, da teoria do pensador russo Mikhail Bakhtin, perpassando por uma breve biografia do teórico, que viveu de 1895 a 1975, a fim de contextualizar a época de sua produção. Em seguida, apresentar-se-á a metodologia de pesquisa.

METODOLOGIA

Esta investigação é composta por pesquisa bibliográfica. De acordo com Gil (2002, p. 44) a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p.44).

Pautou-se em uma leitura mediada de autores que se debruçaram a estudar as obras de Bakhtin: AMORIM, 2012; LEITE, 2011 e TEZZA, 2005 e 2011. Primeiramente, houve a leitura de capítulos das obras de AMORIM e TEZZA, produção de fichamento e diálogo entre as leituras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção serão apresentados um resumo da biografia de Bakhtin, a fim de contextualizar a sua obra.

Breve biografia de Mikhail Bakhtin

Mikhail Bakhtin é o acontecimento mais marcante das ciências humanas deste fim de século. Tudo nele tem sido surpreendente: a própria vida, a diversificação temática dos textos, a questão da autoria, a edição póstuma de grande parte de sua obra. Bakhtin nos fascina como uma descoberta arqueológica. O mais interessante é que essa espécie de arqueologia nos aponta não para uma curiosidade enterrada na história, mas para alguém que, hoje, revela-se francamente na dianteira; somos nós que, desenterrando-o do passado, vemo-nos em muitos aspectos compelidos a correr atrás de seus ossos (TEZZA, 2011, p.231). Bakhtin despertou e continuará despertando um fascínio, quer seja pela diversidade de seus temas, quer seja pela obra ainda desconhecida pelo tardio ingresso e conturbado de suas traduções. Na sequência, apresento uma breve biografia da vida do pensador russo.

Mikhail Mikhailovich Bakhtin nasceu em uma família nobre, na cidade provincial russa de Orel, em 1895 e por conta das condições financeiras recebeu educação de excelência. De 1905 a 1912, morou em Vilnus, na Lituânia e passou a conviver com outros idiomas e culturas, que posteriormente viriam a influenciar alguns conceitos-chave¹: *dialogismo*, *polifonia*, *heteroglossia*, *plurilinguismo* e *pré-história do gênero novelístico*. De volta à Rússia, o ambiente noturno e as tabernas de Odessa influenciaram outro conceito, *carnavalização*.

Em 1914 cursou a Faculdade Filológica-Histórica, em Petrogrado, na Rússia. Formou-se em 1918, em meio a guerras civis e revoluções. Mudou-se para Nevel, e envolveu-se com intelectuais de alto nível. Através desses contatos participou do Círculo de Nevel. Surgiu então, o primeiro texto, *Arte e responsabilidade*, incluído posteriormente em *Estética da criação verbal*. O Nesse período casou-se com Elena Okolovith, sua companheira até o fim da vida.

1. Nas obras consultadas, listadas nas referências, os conceitos-chave, títulos de obras e artigos encontram-se em itálico.

Em 1920 ingressa nos Círculos de Vitsbak e de Leningrado. As múltiplas discussões desses círculos acadêmicos subsidiaram o principal conceito de Bakhtin, o *dialogismo*, pois todas as ideias do grupo eram fruto do diálogo. Com o movimento de repressão por parte do governo russo, os grupos de discussão cessaram.

De 1924 a 1929 escreveu *Marxismo e filosofia da linguagem*, *Freudismo*, *O método formal no estudo literário* e *Problema a poética de Dostoiévski*. Essas obras são fundamentais para a compreensão do pensamento bakhtiniano. Bakhtin foi preso e exilado de 1930 a 1945, por seu envolvimento com os grupos que discutiam filosofia e religião. No exílio produziu *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento no contexto de François Rabelais*, tese de doutorado que não foi aceita. Exilado, foi acometido por osteomielite, doença que o levou a perder uma das pernas antes de completar 40 anos. Foi professor de contabilidade de criadores de porcos, ministrou literatura e alfabetizou, proferiu palestras, escreveu resenhas, ensinou alemão e viveu da generosidade dos amigos. Em 1944 tornou-se chefe do Departamento de Literatura Geral até a sua aposentadoria, em 1960.

Em 1963, veio a se tornar público, o estudo sobre Dostoiévski, em nova versão e com ele outro conceito: *polifonia*. Conquistou popularidade entre os alunos com a obra *Problema da poética de Dostoiévski* e atraiu discípulos. Até a morte dedicou-se a escrever, porém nenhum de seus textos foi concluído.

Em 1969, muito doente, pois o vício no tabaco lhe rendeu um enfisema pulmonar, foi transferido para um dos hospitais do Kremlin, em Moscou, nessa ocasião, perdeu a outra perna. Logo passou a viver em um asilo, em estado vegetativo, onde faleceu em 1975. Bakhtin entra nos anos 90 como um grande pensador da linguagem que sua obra revela. Está cada vez mais difícil ignorar suas categorias e seu modelo teórico, seja para acompanhar seu rumo, seja para contestá-lo (TEZZA, 2011, p.232).

Nas linhas que antecederam houve uma tentativa de abreviar a extensa biografia de Bakhtin, a fim de que o leitor pudesse compreender uma das 10 categorias do conceito-chave *exotopia*. Na sequência, resume-se a categoria *autoinforme-confissão*.

Exotopia e Autoinforme-confissão

A categoria *autoinforme-confissão* é uma das ramificações do conceito-chave da teoria de Mikhail Bakhtin, *exotopia*.

Primeiramente, apresenta-se em linhas gerais o que é *exotopia*, as suas categorias e em seguida, a categoria de leitura proposta. O estudo do conceito se deu a partir da obra *Estética da criação verbal*, cujo texto foi traduzido do russo por Paulo Bezerra (2011) e da leitura mediada pelos textos de Cristóvão Tezza (2005 e 2011) e Marília Amorim (2012), conforme constam nas referências.

O conceito *exotopia*, do russo para o francês *exotopie*, em uma tradução literal para o português seria “lugar exterior”. Provavelmente esse conceito tenha sido concebido durante os incursos de Bakhtin, no Círculo de Nevel, entre 1919 e 1922, como foi citado anteriormente.

Tezza, 2005, argui *exotopia* como um conceito que “podemos simplificar definindo-a como o fato de que só um outro nos pode dar acabamento assim como só nós podemos dar acabamento a um outro” (TEZZA, 2005, p. 210). O acabamento vem do outro, do olhar de fora, que consegue completar aquilo que não conseguimos, porque a nossa visão alcança até o horizonte. E assim como a minha visão necessita do olhar do outro, o mesmo acontece com a palavra, porque essa necessita do outro para que tenha significado.

A partir do momento que nos distanciamos do objeto observado conseguimos aprimorar a nossa visão. É o olhar exógeno, longe do tempo e do espaço, como ocorrem com as narrativas de memórias.

O leitor atua como um contemplador das narrativas, pois entre leitor e narrador há uma relação dialógica, já que ao se deparar com as experiências do outro, toma-se como referência, a experiência individual. “Ele retrata o que vê do que o outro vê, o que olha do que o outro olha” (AMORIM, 2012, p.96). A leitura da leitura do outro, o que excede a minha visão, gera certa tensão, ao passo que há uma necessidade imediata de colocar-se no lugar do outro e vivenciar a sua experiência.

O excedente de visão é o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor. Mas para que esse broto efetivamente desabroche na flor da forma concludente, urge que o excedente de minha visão complete o horizonte do outro indivíduo completado sem perder a originalidade desse (BAKHTIN, 2011, p.23).

O leitor como contemplador da narrativa deve entrar em sintonia com o outro, ler a situação da forma como o narrador lê, colocar-se em seu lugar no passado e depois retornar ao presente, completando o horizonte daquele que depõe sobre uma situação vivida. E essa condição de ver o que excede a minha visão só é permitida em razão da distância que existe entre o espectador e o narrador, porque envolve questões espaço temporais e de significação.

Exotopia é a minha leitura sobre a leitura do outro, dos outros. De acordo com Bakhtin, esse conceito-chave ramifica-se em 10 categorias: “*Ato, autoinforme-confissão, autobiografia, personagem lírica, biografia, caráter, tipo, posição, personagem, hagiografia*” (BAKHTIN, 2011, p.127). Nessa pesquisa, optou-se apenas pela categoria *autoinforme-confissão*², entretanto, o leitor curioso poderá consultar as referências.

Para Bakhtin, o contemplador tende a tornar-se o autor. Mas esta abordagem não corresponde ao desígnio original, deliberado, da confissão; ela pode ocorrer, porque, de fato, qualquer documento (ou ato) humano pode ser objeto de uma percepção artística, mesmo uma simples representação infantil [...] (TEZZA, 2005, p.252)

Na produção das narrativas, na leitura das experiências presenciadas, o contemplador coloca-se como autor e contempla a personagem, o narrador das vivências, que se torna no meu olhar distanciado, o herói ou a heroína. Essa relação de autora e

2. TEZZA (2005) e (2011) e AMORIM (2012) referem-se à categoria *autoinforme-confissão*, como *introspecção-confissão*. Optou-se pela nomenclatura *autoinforme-confissão*, já que me utilizei da tradução do russo, por Paulo Bezerra.

heróis, no acabamento de meu olhar torna-se uma contemplação por aquele momento, que só ele/ela viveu. Distanciar-se dos fatos e das coisas, garante uma visão mais lúcida, desprovida de paixão. Nessa antecipação, o narrador pode externar com crença as suas lembranças, seus temores e devaneios, que presos no passado, retornam através das narrativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Bakhtin “Só integra o *autoinforme-confissão* aquilo que eu mesmo posso dizer de mim mesmo” (BAKHTIN, 2011, p.130). As narrativas carregam semanticamente a simbologia de sua visão dos fatos, nos tempos e espaços vividos: as instituições em épocas muito distintas. É o cotidiano envolvendo a matemática escolar que se revela. A expressão está corrompida pelo olhar de outrem, que externamente lhe dá essência e acabamento, nenhuma voz é solitária. Há a consciência do outro, porque o homem por sua natureza é um ser dialógico. O discurso do outro é parte integrante do seu e se fundem ao me colocar no lugar do outro.

A relação confessional dos depoentes sobre os eventos ocorridos durante os primeiros anos de convivência com a Matemática escolar não finda. Esses eventos estão sujeitos a outros olhares, em outros momentos e em outras circunstâncias. As narrativas trouxeram lembranças e muitas outras poderão despertar, pois para Bakhtin “minha palavra sobre mim mesmo não pode ser essencialmente a última palavra, a que me conclui; para mim, minha palavra é um ato, e só este vive no acontecimento singular e único da existência; é por isso que nenhum ato pode dar acabamento à própria vida, pois ele a vincula à infinitude aberta do acontecimento da existência” (*Ibid.id.*, p. 132).

Apresentou-se ao leitor a categoria *autoinforme-confissão*. O pensamento bakhtiniano resistiu ao opressor regime russo e deixou um vasto legado de contribuições para a ciência, ao ser invocado pelas teorias da linguagem, da linguística, da literatura, da estética e das demais áreas que permitirem o diálogo. Espera-se que os conceitos-chave da teoria do pensador russo façam-se presentes nos estudos vindouros dos acadêmicos da UNISE.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. *In.*: BRAIT, B. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2012 (p. 95-113)

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

TEZZA, Cristóvão. A construção das vozes no romance. *In.*: BRAIT, B. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005 (p. 209-217).

TEZZA, Cristóvão. Sobre o autor e o herói – um roteiro de leitura. *In.* CASTRO, G.; FARACO, C. A.; TEZZA, C. **Díálogos com Bakhtin**. 4 ed. Curitiba: UFPR, 2011(p. 231 – 256).